

### IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

### SOCIOLOGICAL IMAGINATION AND OLD AGE: DECONSTRUCTING STEREOTYPES IN THE CLASSROOM

Carlos Eugênio Soares de Lemos<sup>1</sup>

#### RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa, realizada entre os anos de 2011 e 2014, decorrente de um curso sobre “O envelhecimento humano no Currículo da Educação Básica”, destinado a quarenta alunas concluintes do normal médio, oriundas de escola pública, numa cidade de porte médio. O projeto teve como objetivos: (a) conhecer as concepções de velhice dos futuros professores; (b) avaliar os desafios da mediação pedagógica para abordar o tema da velhice em sala de aula. Foram utilizados questionários semiabertos, entrevistas informais, bem como proposta a elaboração de um plano de aula referente ao tema. Ao final, depois da análise teórica e empírica, pôde-se perceber a resistência de alguns estereótipos, que insistem em apresentar a velhice como uma experiência homogênea, privada e de perda do *status* social.

**Palavras-chave:** Gerações. Velhice. Imaginação sociológica. Currículo.

#### ABSTRACT

This article presents the results of a qualitative research, conducted between 2011 and 2014, based on the seminar “Human aging in the curriculum of basic education”, attended by forty students of teacher formation high school, coming from public school, in a medium-sized city. The project aimed to: (a) acknowledge old-age conceptions of future teachers; (b) evaluate the challenges of pedagogical mediation to approach the aging theme in classroom. Half-open questionnaires, informal interviews and preparing a lesson plan were performed. At the end, after the theoretical and empirical analysis, was possible to conclude that there is the persistence of stereotypes of aging as a homogeneous experience, private and loss of social status.

**Keywords:** Generations. Old age. Sociological imagination. Curriculum.

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto IV da Graduação em Ciências Sociais/UFRN/Campos dos Goytacazes.

### INTRODUÇÃO

Se, no campo acadêmico, o silêncio em torno do envelhecimento veio sendo rompido ao longo das últimas décadas do século XX, o mesmo não podemos afirmar sobre a ausência dessa discussão no currículo da Educação Básica das escolas públicas do país. Levando em consideração tal silêncio, a Lei n. 10.741, de 01 de outubro de 2003, que dispõe sobre o Estatuto do Idoso, a Resolução n. 2, de 30 de janeiro de 2012, do Ministério da Educação, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2013), e o Plano Nacional de Educação (2014-2024) propõem que nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal seja incluída a discussão sobre o envelhecimento humano.

As teorias críticas e pós-críticas dos currículos há tempos alertam sobre as implicações das relações de poder nas escolhas dos temas, nas metodologias de ensino e nas finalidades ontológicas da Educação Básica (APPLE, 1982; GOODSON, 1997; SILVA, 2010). Nesse sentido, pluralizaram o debate trazendo e dando importância a temas antes desprezados pelas abordagens tradicionais, tais como: classe social, gênero, sexualidade, multiculturalismo, emancipação etc. Mesmo assim, a discussão sobre a velhice, mais especificamente a sua inclusão efetiva no currículo, ainda tem estado retardatária quando comparada às demais.

Deve-se ressaltar, porém, que há uma razoável produção acadêmica sobre as gerações, *vide* os exemplos dos que relacionam estudos sobre a juventude ao tema da educação (ABRAMO; BRANCO, 2004; NOVAES; VANNUCHI, 2003), assim como trabalhos sobre as universidades de terceira idade (MARTINS DE SÁ, 2000; CACHIONI, 2003; NERI; YASSUDA, 2004) e a educação de jovens e adultos (ARROYO, 2006; HADDAD, 2007; FÁVERO, 2009). Contudo, quando abordado, o tema da inclusão do envelhecimento no currículo serve mais para ressaltar a importância do assunto para a sociedade do que propriamente para avaliar as medidas efetivas que seriam necessárias para tal inclusão, assim como também não se discutem os desafios que, do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem, estão colocados para essa empreitada.

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Tendo em vista essas considerações, este trabalho tem dois objetivos. O primeiro deles é conhecer as concepções prévias dos adolescentes, futuros professores, sobre a etapa do curso de vida denominada de velhice. Essas concepções prévias, resultantes do processo de socialização da trajetória de vida de cada um e do treinamento profissional recebido, podem condicionar sobremaneira o modo como os futuros professores irão abordar o tema e desenvolver a sua análise. O segundo objetivo é refletir sobre os desafios da mediação pedagógica do tema, já que certa tensão poderá ser produzida, em função da interface das concepções prévias que eles trazem consigo e das concepções propostas pela literatura de desconstrução dos padrões naturalizados.

### ASPECTOS METODOLÓGICOS

Segundo o censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade de Campos dos Goytacazes, situada ao norte do estado do Rio de Janeiro, como outras cidades de porte médio no país, também vivencia um sensível envelhecimento de sua população de 477 mil habitantes – 11,5% desse contingente tem mais de 60 anos de idade. Em sua maioria, eles são egressos de uma realidade então agrária, em que o poder político e econômico se encontrava nas mãos das oligarquias locais. Trata-se de uma sociedade tradicional, centrada na hegemonia do modelo familiar de pátrio poder, na assimetria entre os grupos etários, no baixo acesso à educação formal, nas acentuadas desigualdades de gênero e no silêncio eloquente sobre as condições de existência dos velhos.

A Universidade para a Terceira Idade (UNITI) é um Programa de Extensão da UFF/ESR que, surgido em 1994, oferece cursos e oficinas para a comunidade de idosos da região. Funciona também como campo de investigação do tema da velhice para estudantes (graduandos e pós-graduandos) de Serviço Social, Psicologia, História, Geografia, Economia e Ciências Sociais, que podem realizar seus trabalhos de conclusão de curso baseados nas experiências desenvolvidas ali. No que diz respeito à comunidade escolar, a UNITI promove ações que, de algum

## INTER-LEGERE

---

A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

modo, contribuem para a renovação das representações do envelhecimento e a inclusão desse tema nos debates da Educação Básica.

O curso “O envelhecimento humano no Currículo da Educação Básica”, composto por 3 oficinas, funcionou como uma ação educativa do projeto de extensão UNITI entre os anos de 2011 e 2014. Teve como propósito capacitar futuros professores das séries iniciais das escolas públicas sobre a temática das gerações e desenvolver estratégias pedagógicas para a inclusão da discussão do processo de envelhecimento no currículo da Educação Básica. As oficinas propostas pelo curso foram realizadas em 8 encontros, cada um com duração de 5 horas, perfazendo um total de 40 horas. Foram organizadas e executadas pelos professores participantes do Programa UNITI, que, de acordo com a sua área de interesse, atuaram em áreas específicas das oficinas propostas.

As oficinas foram realizadas nas salas do Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR)/Serviço Social de Campos – Universidade Federal Fluminense<sup>2</sup>. Nesse espaço, funcionam também o Projeto de Extensão Universidade da Terceira Idade, o Curso de Pós-Graduação em Gerontologia e Políticas Públicas e as demais oficinas voltadas para os idosos. A UNITI dispôs de uma sala onde foi reservado um espaço para o funcionamento do projeto de pesquisa e o arquivamento do material relacionado a ele.

Um grupo de 40 alunas concluintes do curso normal médio de uma escola pública estadual do município correspondeu ao público-alvo. Elas tinham 18 ou 19 anos, professavam religião cristã e consideravam-se como de classe média baixa. A maioria era solteira, morava com os pais ou familiares e tinha expectativa de seguir carreira na área. Todas concordaram em participar do curso e da pesquisa desde que as produções resultantes desse processo omitissem os seus nomes, no que foram prontamente atendidas.

A primeira oficina do curso trazia como título “As novas representações e práticas de gestão do processo de envelhecimento”. Foi ministrada por um professor de gerontologia social, tendo por base uma série de atividades pedagógicas que

---

<sup>2</sup> Localizado na Rua José do Patrocínio, n. 71, Centro – Campos dos Goytacazes. Tel.: (22) 2722 0622 – 2733 0319.

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLÓGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

aliou a dimensão teórica sobre as gerações com o relato de pessoas de terceira idade. Os alunos concluintes tiveram a oportunidade de confrontarem suas representações sobre o envelhecimento com a experiência concreta vivenciada pelos ex-alunos da UNITI. Os pontos que nortearam o trabalho foram os seguintes: 1) os estereótipos positivos e negativos que rondam o processo de envelhecimento na atualidade; 2) a autonomia dos idosos, a autoeficácia e o cuidado de si; 3) a existência de um projeto de vida e as expectativas com o futuro na velhice.

No que diz respeito ao primeiro tópico, cruzamos as percepções dos participantes com os dados quantitativos apontados por pesquisas já realizadas no campo das Ciências Sociais. Contudo, estivemos atentos aos registros de informações qualitativas referentes à variedade de sentimentos que os participantes expressaram sobre a expectativa do seu próprio envelhecimento. No segundo tópico, analisamos a relevância da autonomia para o cidadão na terceira idade, destacando que, embora reconheçamos a importância da autoeficácia, em qualquer fase da vida mantemos um dado nível de dependência em relação aos outros. Ou seja, a interdependência é parte constitutiva da existência humana. Por fim, discutimos o suporte social de que cada pessoa dispunha para lidar com a questão da transferência de apoio na terceira idade, levando em consideração a trajetória de curso de vida e os projetos de futuro. Tudo isso foi feito não perdendo de vista o foco principal, ou seja, a transposição dessas demandas para o conteúdo programático do currículo da Educação Básica.

A segunda oficina, intitulada “Legislação, violência e terceira idade”, dividiu-se em dois encontros. O primeiro foi ministrado por uma professora do serviço social. Ela fez a apresentação do Estatuto do Idoso e discorreu sobre os direitos fundamentais e os principais problemas enfrentados para a sua efetivação. O segundo encontro foi ministrado pelo promotor do Ministério Público Estadual (MPE), que utilizou relatos de casos concretos, vídeos e dados dos processos do MPE e do Núcleo de Proteção ao Idoso do município. Esse segundo encontro estruturou-se em três tópicos: a) a tipologia das violências domésticas e públicas contra os idosos e os fatores de risco social; b) o perfil das vítimas e dos agressores; c) a legislação, a denúncia e os encaminhamentos sociais.

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Em linhas gerais, procuramos mostrar nessa oficina que a violência contra a população idosa, tanto na esfera doméstica quanto na pública, é mais recorrente do que se imagina. Ainda que não seja fácil vencer as barreiras do silêncio que cercam a situação, os estudiosos, quando conseguem vencê-las, descobrem uma realidade marcada por um impasse dramático. Muitas agressões não se transformam em boletim de ocorrência porque, como são praticadas por familiares, os idosos se calam, tanto pelo medo que sentem quanto pelo imperativo do afeto que os liga ao agressor. Em visita ao Núcleo de Proteção ao Idoso do município, realizada em maio de 2011, verificamos que entre os meses de janeiro e março de 2010 foram registradas 150 denúncias de violência, tais como: negligência, abandono, coerção física e psicológica, agressões verbais e abuso financeiro. Procuramos também destacar nesse momento como a legislação atual lida com o tema e apresentar os canais para se fazer uma denúncia e o encaminhamento do problema para o serviço social.

A terceira oficina foi “Família, gerações e envelhecimento”, ministrada por um professor de teoria social e por uma assistente social, ambos da UNITI. Ela foi dividida em dois tópicos: a) as mudanças nas configurações familiares; b) a transferência de apoio entre gerações. No primeiro tópico, levamos em consideração que no Direito de Família da atualidade, *vide* o exemplo do Código Civil (2002) e da Constituição Federal (1988), o afeto tornou-se uma dimensão de grande relevância na caracterização do sentimento de pertencimento a um grupo familiar. O modelo do *pater familias*, matrimonial, paternalista, monogâmico e heterossexual, veio dar lugar ao modelo do poder de família com toda a diversidade que a ideia comporta. Neste, a criança continua tendo certa centralidade, não obstante, também são dadas garantias e proteções aos outros membros, como é o caso da exigência de pensão por parte do cônjuge, que, após a separação, não tiver condições de se manter ou dos ascendentes idosos que se encontram em situação de dependência. No segundo tópico, a proposição foi a de trabalhar com os professores os desafios que envolvem a transferência de apoio público. Então, foram abordados temas como previdência social, criminalização da família, instituições asilares, o fenômeno da viuvez, longevidade e suas implicações.

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Em todas as etapas das oficinas desenvolvidas, para que os participantes se sentissem mais à vontade e sensibilizados em relação aos temas abordados, utilizamos recursos audiovisuais e textuais para estimulá-los, como: documentários, músicas, trechos de filmes, telejornais, capítulos de novelas, reportagens e crônicas. Optamos por recursos claros e diretos, de modo que os temas fossem abordados sem rodeios e da maneira mais objetiva possível. Por isso, a nossa escolha recaiu sobre suportes pedagógicos que faziam parte do cotidiano dos alunos, tais como músicas conhecidas e programas de televisão. Entretanto, foram destacadas as visões subjacentes a qualquer material midiático trabalhado, tendo em vista que, como relatos sociais, também são produtores de determinados sentidos sobre a velhice. Utilizamos os dados disponíveis do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) e de outras instituições que aferem os indicadores de qualidade de vida da população das mais diversas faixas etárias.

Antes da realização das oficinas, fizemos uma entrevista geral com os participantes para mapear a idade, o sexo, o estado civil, com quem moravam, a religião, a renda da família, as perspectivas profissionais futuras, entre outras informações. Em seguida, aplicamos um questionário estruturado semiaberto com 14 questões sobre o tema do envelhecimento, deixando espaço para os comentários sobre as afirmações com as quais os estudantes concordavam ou discordavam. Procuramos mapear as representações da velhice em sua relação com questões como autonomia e dependência, sexualidade e climatério, beleza e feiura, relação com os familiares e isolamento, direitos sociais e desconhecimento de direitos, preconceito e superação, busca da juventude e medo de morrer.

É importante destacar que as 14 questões foram constituídas de afirmações sintéticas sobre o envelhecimento humano recorrentes em nosso cotidiano, tais como: “os idosos têm dificuldade de aprender”, “é difícil a comunicação entre os idosos e os mais jovens”, “o Estatuto do Idoso é uma conquista apenas do idoso”, “os idosos são mais dependentes do que os mais jovens”, “o medo de envelhecer é natural, pois faz lembrar que a pessoa está próxima da morte”, “não existe velhice, o

## INTER-LEGERE

---

A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

que existe é a melhor idade”, “com os devidos cuidados, uma pessoa pode retardar até o fim o envelhecimento”, “os idosos encontrados nos asilos são vítimas dos familiares”, “ser jovem ou ser idoso é uma questão de estado de espírito”, “a obrigação de cuidar do idoso dependente é da família”, “na velhice, a vida sexual perde a importância”, “o melhor para os idosos é viverem na companhia de outros idosos”, “idosos devem usar roupas adequadas para a sua idade” e “interesses materiais que motivam pessoas mais novas a namorarem com idosos”.

Ao final do curso, foi solicitado que cada participante elaborasse um plano de aula sobre o tema do envelhecimento para ser trabalhado nas séries iniciais da Educação Básica, tendo como público-alvo os alunos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, faixa etária que vai aproximadamente dos 6 aos 10 anos de idade. Os alunos concluintes estavam livres para escolher qualquer tema que pudesse ser relacionado ao envelhecimento e abordá-lo da forma que considerassem mais pertinente para a faixa etária em questão. Solicitamos que fosse apresentado também o passo a passo da aula, de modo que cada uma das ações pudesse ser justificada, tais como: o tema escolhido, as estratégias pedagógicas, os recursos didáticos e o tipo de avaliação.

Essa estratégia teve por objetivo verificar em que medida as representações prévias das alunas e as representações da literatura adotada e dos debates estabelecidos no curso encontravam-se presentes no discurso do planejamento e no modo como elas pensavam poder executá-lo. Nesse sentido, os alunos não foram orientados a utilizar esta ou aquela discussão de dado autor no plano a ser elaborado. A precaução foi para que não fossem induzidos a fazer um plano que atendessem a nossa expectativa, mas, sim, que, ao final do curso, nascesse de sua compreensão sobre o que seria uma ação eficiente para ser desenvolvida com os seus alunos. Desse modo, interessava perceber em que medida padrões de representações sobre o envelhecimento estavam sendo reproduzidos e também desconstruídos naquela proposição, tendo em vista a natureza da mediação pedagógica prevista naquele planejamento. Em outras palavras, em que medida os conhecimentos oriundos do campo das ciências humanas poderiam ser mobilizados para a desnaturalização dos clichês referentes à velhice.

### RESULTADOS

#### QUESTIONÁRIOS SOBRE O ENVELHECIMENTO

Confrontados com a afirmação de que os idosos têm mais dificuldade de aprender, 87% dos alunos concordam totalmente com a assertiva, considerando que tal fato ocorre porque a velhice traz consigo doenças ligadas ao esquecimento, acarretando uma maior necessidade de paciência com pessoas nessa fase do curso de vida. No que diz respeito à suposta dificuldade de comunicação entre idosos e jovens, a opinião ficou dividida. Quase metade, 45%, acredita que o problema se deve ao fato de os idosos ficarem presos ao passado e os jovens ao presente, condicionados pelas novas tecnologias. Os que discordam da afirmação, total de 55%, consideram que a razão pela suposta dificuldade de comunicação é o preconceito existente entre as gerações.

No tocante aos direitos dos cidadãos idosos, 42,5% consideram o Estatuto uma conquista importante apenas para os sujeitos com mais de 60 anos e 57,5% afirmam que seria importante para todos os cidadãos. Dentre estes, 17,5% destacam que, para a maioria, esse direito estaria disponível somente no futuro. Na relação dos idosos com os familiares, 70% acreditam que os idosos são dependentes emocional e financeiramente, pois são mais frágeis e vivem do salário-mínimo de suas aposentadorias. Desse total, 15% destacam a existência de idosos que conseguem viver sem dependência, principalmente material e financeira. Por sua vez, 30% dos participantes apontam que a dependência é mútua.

A ideia de que a velhice é uma fase da vida que provoca medo devido à sua proximidade com a morte corresponde a uma afirmação que faz parte da visão de 55% dos alunos. Os 45% discordantes alegam ser possível pensar na velhice tendo como referência a sabedoria, bem como defendem que não é recomendável viver essa fase da vida pensando sobre a morte. Nesses termos, a maioria absoluta dos entrevistados, 100%, acredita que não existe pessoa velha, mas sim terceira idade, melhor idade e jovem idoso.

## INTER-LEGERE

---

A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Quando o assunto volta-se para as precauções em combater os sinais do envelhecimento e o cuidado de si, 87,5% acreditam que a pessoa pode retardar até o fim de sua vida o envelhecimento. Nesse caso, basta tomar o devido cuidado com a saúde, adotando bons hábitos alimentares e realizando atividades físicas. Por sua vez, 12,5% discordam de que os cuidados de si possam fazer com que a pessoa retarde o envelhecimento, muito embora reconheçam que trazem mais saúde e autonomia para os idosos.

Sobre a transferência de apoio entre as gerações, 70% consideram que os idosos que se encontram nos asilos são vítimas de familiares ingratos. Os 30% que discordam dessa ideia utilizam como justificativa o fato de existirem idosos que não possuem famílias ou de que os familiares não dispõem de condições para cuidar deles. Ainda acerca desse ponto, 80% dos alunos acreditam que a obrigação de cuidar do idoso dependente é dos familiares. Os 20% discordantes consideram que as circunstâncias e o grau de dependência devem ser pesados nessa “obrigação” doméstica.

A visão popularizada de que “ser jovem ou idoso é uma questão de estado de espírito” conta com a aprovação de 97,5% dos alunos. O único que discordou não expressou os seus motivos. No que diz respeito à manutenção da vida sexual na velhice, 85% acreditam que seja importante. Para os 15% que discordam, a importância de uma vida sexual afetiva na velhice é substituída por outros desejos, como o de ajudar aos filhos e o de ver os netos crescerem e se realizarem. Assim, quando o assunto é a apresentação de si, 35% consideram que uma pessoa idosa deva se vestir de modo adequado para a sua idade, ou seja, com roupas discretas e que não explorem a sensualidade. Por outro lado, 65% discordam de que existam roupas adequadas para essa ou aquela idade.

Quando indagados sobre a relação amorosa entre pessoas idosas e não idosas, 30% entendem que as pessoas “mais novas” se relacionam com idosos por interesse financeiro, busca de segurança e estabilidade material. Os que discordam dessa visão, 70% dos entrevistados, alegam que existem casos e casos, sendo possível encontrar pessoas mais novas que se relacionam com idosos por amor.

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

Do universo pesquisado, destaca-se que 30% convivem com um idoso na mesma casa, sendo em todos os casos avós maternos ou paternos; 40% não moram com um idoso na mesma casa, mas realizam visitas frequentes a um avô, avó e/ou familiar com mais de 60 anos de idade; 30% não convivem com um idoso na mesma casa nem realizam visitas a quem quer que seja nessa faixa etária.

### PLANOS DE AULA

Ao final do curso, como explicado na metodologia, recebemos quarenta planos de aulas compostos de tema, estratégias pedagógicas, recursos didáticos, apoio teórico e avaliação, tendo entre os seus principais objetivos o de problematizar as representações de velhice presentes no cotidiano das famílias.

No que se refere aos temas escolhidos, as mudanças corporais que ocorrem na velhice correspondem à temática preferida, fazendo-se presente em 20% dos planos de aula. Eles discorrem sobre as características do processo biológico e a necessidade de as crianças entenderem que se trata de um fenômeno a que todos os seres humanos estão sujeitos. Por sua vez, a saúde física e mental caracteriza-se como tema de 5% dos planos de aula, com destaque para a importância dos hábitos alimentares e das atividades físicas na vida de todos aqueles que desejam chegar bem à terceira idade. Nesse sentido, 10% dos planos discutem o papel da autonomia na vida dos idosos e o direito de a pessoa definir o que considera melhor para a sua própria vida, enquanto 2,5% tratam do tema da beleza e da busca da eterna juventude, chamando a atenção para a diversidade de produtos e tratamentos que estão à disposição dos que se recusam a envelhecer.

Os direitos e os deveres dos idosos são o tema de 20% dos planos de aula, cujo enfoque é o respeito que todas as crianças devem ter para com os cidadãos nessa fase do curso de vida, destacando que um dia todas as pessoas, desde que não morram antes, serão idosas. Ainda em sintonia com a discussão dos direitos, 10% abordam o tema da violência doméstica contra os idosos, caracterizam os tipos de violência a que eles estão sujeitos e as punições previstas pela lei. O amor, o casamento e a sexualidade na terceira idade são abordados em 10% dos planos. De

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

modo geral, são discursos que defendem a possibilidade de se recomeçar a vida depois dos 60 anos, com a tônica de que nunca é tarde para a pessoa amar e ser feliz. Nessa mesma linha, situam-se 2,5% com a temática do retorno ao mercado de trabalho após os 60 anos de idade, destacando que o trabalho como projeto de vida mantém o sujeito produtivo e ativo diante da passagem do tempo.

As representações do envelhecimento são o tema de 20% dos planos de aula, tendo todos como ponto central o debate sobre os preconceitos que rondam o processo de envelhecimento e os termos pejorativos que utilizamos para nos referirmos aos mais velhos. Em sintonia com essa discussão, 5% abordam a questão da diversidade de culturas e as diferentes formas de encarar as etapas do curso de vida em outros países. No caso específico do Brasil, 2,5% tratam do papel da mídia na construção dos estereótipos sobre a velhice e do peso das empresas de comunicação na gestão do envelhecimento. Por fim, 2,5% discorrem acerca da necessidade de que diferentes gerações convivam, de modo que todos possam aprender com todos e os preconceitos geracionais serem desfeitos.

As estratégias pedagógicas para otimizar o processo de ensino-aprendizagem são variadas, isoladas ou combinadas entre si, estando assim distribuídas por ordem de recorrência: exposição oral dialógica; elaboração e execução de entrevistas com os idosos do círculo de relacionamento dos alunos; interpretação e análise de textos didáticos, de revistas e jornais sobre o processo de envelhecimento; estudo do Estatuto do Idoso; interpretação e análise de imagens (ilustrações, charges e fotografias) sobre as diversas etapas do curso de vida; debate sobre temas relacionados à velhice; análise de representações sobre a velhice em documentários, filmes e músicas; trabalho em grupo; pesquisas na internet sobre o tema da terceira idade; elaboração de redação; visita aos asilos da cidade; dramatização de situações vivenciadas pelos idosos.

Quanto aos recursos didáticos propostos, ou seja, o conjunto de materiais e instrumentos utilizados no processo de ensino-aprendizagem, sendo múltiplos, como não poderiam deixar de ser, vêm combinados com as estratégias pedagógicas e aparecem na seguinte ordem de recorrência: textos de entrevistas com os idosos que fazem parte da vida dos alunos; textos didáticos de livros, reportagens de

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

revistas e de jornais; imagens pertencentes aos alunos, retiradas de jornais, sítios virtuais e revistas; esquemas de quadro de giz; matérias de sítios da internet; programas de televisão; esquemas em *data show*; filmes e documentários; cartazes e cartilhas sobre a terceira idade.

No que concerne aos aspectos teóricos, os planos de aula não trazem bibliografia ou menção explícita aos autores que serviram de referência. Contudo, foi possível inferir sobre a influência das leituras e dos debates realizados em sala de aula, posto que algumas abordagens propostas pelos planos casavam com as problematizações dos autores utilizados.

### A AVALIAÇÃO

As sugestões de avaliação elaboradas pelos cursistas para a aula temática do envelhecimento humano são variadas e distribuídas do seguinte modo: 20% propuseram uma redação; 15%, um debate; 2,5%, uma arguição; 7,5%, uma encenação teatral; 7,5%, avaliação contínua, ou seja, de todas as etapas do processo de ensino-aprendizagem; 5%, visita a asilos e instituições de longa permanência; 2,5%, avaliação escrita; e 40% simplesmente não propuseram.

### DISCUSSÃO

De modo geral, podemos afirmar que os adolescentes pesquisados chegaram ao curso com uma visão negativa sobre as questões biológicas e cognitivas que envolvem o processo de envelhecimento. Eles demonstraram possuir uma concepção homogênea e generalizante da velhice, com a suposição errônea de que, em todo e qualquer caso, o corpo perde o vigor, a inteligência declina por completo e a memória enfraquece a partir dos 60 anos. No decorrer dos encontros, foram problematizados esses aspectos do envelhecimento, de modo a demonstrar que, desde que existam condições, o corpo se adapta à nova fase, a inteligência cristalizada pode se manter ativa durante um bom tempo, a inteligência fluida exercitada, a memória de longo prazo conservada e a de curto prazo estimulada

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

(STUART, 2002; ISQUIERDO, 2004). Destacou-se também que não existe velhice, e sim velhices, pois o processo de envelhecimento tem importantes variáveis, como classe, etnia, gênero, nível de instrução, rede de afetos, genética e depende da trajetória do curso de vida de cada pessoa (MOTTA, 2013; MOTA, 2014; LEMOS, 2013). Como propõe Mills (1969), na perspectiva da imaginação sociológica, a velhice do sujeito precisa ser pensada na relação entre sua biografia e o contexto histórico da sua específica trajetória do curso de vida.

Nos planos de aula, foi possível perceber a influência dos debates do curso e da literatura adotada sobre a desconstrução dos preconceitos biológicos, cognitivos e estéticos sobre a velhice. Se, por um lado, uma nova visão parece ter sido incorporada, pois a maioria buscou romper a associação direta que a sociologia espontânea faz entre o fenômeno do envelhecimento e a morte, por outro lado, eles não escaparam da visão de que “a velhice é um estado de espírito”, de que os idosos sempre precisam de ajuda, de que são vítimas dos familiares e de que com uma boa profilaxia preventiva é possível retardar ao máximo os indícios do envelhecimento.

Então, quando vocês virem que a vovó ou vovô estão precisando de ajuda, ajude-o ou chamem alguém para ajudar, pois, um dia, quem precisará de ajuda somos nós. Um idoso não é velho só porque tem ruguinhas e cabelos brancos e sim por necessidade deles. Porém, ele pode até ser mais jovem do que muitos jovens (Trecho em que uma formanda demonstra no plano de aula o que diria aos seus alunos).

De qualquer modo, a visão negativa que se tem da velhice vem acompanhada de enunciados paliativos, nos quais a suposta juventude do idoso se revela como uma disposição meramente subjetiva, ou seja, resultado da força de vontade. Então, pode-se inferir que a velhice “malsucedida” é resultado das escolhas feitas pelo indivíduo ao longo do seu curso de vida ou fruto dos descuidos de quem não busca as profilaxias para retardá-la no presente. Essa postura não é muito diferente dos discursos midiáticos em que as pessoas acima de 60 anos são designadas como de terceira idade, jovem idoso e melhor idade. Essas representações trazem consigo duas perspectivas. Por um lado, rompem o silêncio em torno do tema, tratando-o de

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

modo mais otimista e desvinculando-o das abordagens em que a velhice estava atrelada às ideias de solidão, doença, tristeza e abandono. Por outro lado, a dimensão social da questão periga ficar condicionada aos interesses lucrativos do mercado da velhice saudável.

Conforme propõe Debert (1999, p. 73), muito embora as pesquisas sociais venham tornando a discussão sobre o tema da velhice cada vez mais complexa, de modo geral, ainda existem dois modelos antagônicos de se pensar o envelhecimento que estão presentes nas argumentações dos indivíduos e instituições:

No primeiro deles, trata-se de construir um quadro apontando a situação de pauperização e abandono a que o velho é relegado, em que ainda é, sobretudo, a família que arca com o peso dessa situação. [...] No segundo, trata-se de apresentar os idosos como seres ativos, capazes de dar respostas originais aos desafios que enfrentam em seu cotidiano, redefinindo sua experiência de forma a se contrapor aos estereótipos ligados à velhice.

No processo educacional do aluno do normal médio, na prática, não há uma só disciplina que, sendo como conteúdo obrigatório ou transversal, aborde o tema da velhice, ainda que isso seja orientado pela lei (Estatuto do Idoso) e pelas Diretrizes Curriculares para o Ensino Médio (2013). Porém, nesses termos, consciente de que existe uma distância entre o currículo formal e o real, há muito material para se investigar sobre um currículo oculto que trate da relação entre diferentes gerações no ambiente escolar. Desse modo, o não dizer sobre a velhice se constitui num daqueles silêncios eloquentes, revelador da importância atribuída a essa etapa do curso de vida.

Nota-se que, embora a maioria dos formandos afirme sobre a importância da vida sexual e afetiva na velhice, os temas relacionados ao amor, ao casamento e à sexualidade, juntos, aparecem apenas em 10% dos planos de aula. Os poucos que o fazem trabalham com a perspectiva estereotipada da velhice como a “melhor idade” do curso de vida, em que sobraria tempo para se fazer tudo que não se pode fazer quando jovem, corroborando a visão cristalizada de que ser velho é uma questão de estado de espírito, de que a juventude é um estilo de vida, praticamente o sinônimo de se aproveitar a vida intensamente. É interessante observar que, no ano de 2015,

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

numa pesquisa similar que realizamos com alunos do Ensino Médio de uma outra escola, em que misturavam meninos e meninas, o resultado do tópico referente à vida amorosa e afetiva foi oposto, mais de 80% consideraram que nessa etapa do curso de vida os idosos deveriam abandonar as aspirações sexuais afetivas e se dedicar aos sonhos dos descendentes.

O uso das terminologias “velho” e “velha” foi considerado pejorativo para se trabalhar com os alunos das séries iniciais. A maioria dos formandos optou por utilizar os termos idoso, terceira idade e melhor idade. Na exposição oral dialógica, ficou patente que há um discurso para os outros e um discurso para si mesmo. Para os outros, as futuras professoras defendem a ideia de que a busca de termos adequados é um modo de combater o preconceito contra o idoso no cotidiano. Contudo, elas vivenciam o preconceito para consigo mesmas, pois não acreditam de fato na tal “melhor idade”. Nas entrevistas informais, a maioria admitia o medo de “ficar velha”, com todas as precariedades que imaginava acompanhar essa condição, tais como próteses, pigarros, remédios, resmungos, impertinências e decadência estética. De certa forma, esse posicionamento corrobora as perspectivas teóricas que tratam da dificuldade de uma pessoa jovem em imaginar o seu próprio envelhecimento:

Não é fácil imaginar que o nosso próprio corpo, tão cheio de frescor e muitas vezes de sensações agradáveis, pode ficar vagaroso, cansado e desajeitado. Não podemos imaginá-lo e, no fundo, não o queremos. Dito de outra maneira, a identificação com os velhos e os moribundos compreensivelmente coloca dificuldades especiais para as pessoas de outras faixas etárias. Consciente ou inconscientemente, elas resistem à ideia de seu próprio envelhecimento e morte tanto quanto possível (ELIAS, 2001, p. 80).

Antes de iniciar o curso de atualização, entre os formandos, havia uma ideia muito vaga sobre os direitos dos idosos. Ela se resumia nas máximas de que as pessoas com mais de 60 anos têm prioridade nas filas e direito a passagens gratuitas nos ônibus. De modo geral, eles demonstraram um profundo desconhecimento das leis que protegem os idosos e de como se chegou a construir tais garantias legais. Entretanto, após participarem das oficinas, nos programas

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

propostos para as suas aulas, eles sugerem a compilação dos direitos fundamentais no Estatuto do Idoso, realizando a transposição de linguagem para o universo infantil. Muito embora essa proposição signifique um avanço para as séries iniciais, não podemos dizer o mesmo para os planos de aula destinados às séries mais avançadas. Nelas, os direitos ainda são apresentados como dados e nunca como resultado das reivindicações de “vovôs” e “vovós”, ou seja, de que são fruto das lutas políticas dos sujeitos organizados.

Nos planos de aula, o tema da violência doméstica apareceu conjugado com o ensinamento de que os idosos precisam de respeito, carinho e cuidados. Não raro, foi possível inferir nessas leituras uma concepção idealizada de família, sem conflito e com uma harmoniosa transferência de apoio entre as gerações. Seguindo nessa trilha, as alunas sugerem discutir os tipos de violência, as razões de seu aumento na sociedade e o que fazer para mudar essa situação. Em nenhum momento, foi cogitado trazer o poder público para o âmbito do debate, de modo que os problemas que ocorrem no espaço doméstico ficam parecendo descolados da esfera política. Dentre as violências, recebem destaques aquelas de ordem simbólica e mais próximas do universo das crianças, tais como xingamentos, desobediências, desrespeitos, zombarias etc. Para combater esse tipo de comportamento contra os idosos, a seguinte estratégia pedagógica é sugerida:

Levaria os alunos a um asilo para terem conhecimento de como os idosos vivem, o que fazem, como se sentem e, aproximá-los, para que conversem entre si, absorverem informações, como e por qual motivo foram parar ali e conhecer a história de vida deles. Acredito que seja muito importante essa aproximação de ambos para que se entendam e haja respeito (Trecho do plano de aula de uma das formandas).

Por mais bem-intencionada que seja a proposição, a futura professora não leva em consideração o fato de que os idosos com os quais os seus alunos convivem não são do mesmo perfil social dos que se encontram nos abrigos. Dessa forma, uma visita como essa, não sendo de natureza consensual e tampouco planejada com delicadeza, pode ser considerada também uma violência simbólica. Ora, os abrigos não são zoológicos nem museus. Para os idosos que ali vivem, bem

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

ou mal, o espaço deveria funcionar como uma casa em que o básico de sua privacidade pudesse ser resguardado. Nesses termos, conforme propõe Debert (1999), se o mais difícil nesses espaços é o convívio entre esses idosos que não se conhecem, é possível que seja estressante para eles receberem as numerosas caravanas de alunos que ali circulariam para fazer as suas pesquisas e lições de casa. Isso não significa dizer que para os idosos não seria rico receber essas visitas, mas o que deve ser levado em consideração é o direito de eles escolherem se querem ou não recebê-las.

Nos planos de aula, há uma clara predileção por uma estratégia pedagógica que privilegia a elaboração e execução de entrevistas com os idosos do círculo de relacionamento dos alunos. Nesse caso, são principalmente os avôs e avós. É uma escolha inicialmente acertada, pois, partindo da rede de afetos dos alunos, atribui-se também aos idosos que são desconhecidos das crianças o mesmo direito à dignidade daqueles que são por elas amados e que gozam de autoridade em suas vidas:

A amizade entre avós e netos, interpretada como organizadora de relações igualitárias, não deixa de expressar a noção hierarquizada de família e dessa relação específica. O avô se investe de poder, por deter determinados conhecimentos, e de autoridade, ao transmiti-los. A autoridade não se explicita apenas na relação direta com os netos, mas também indiretamente na relação com os filhos, na medida em que se colocam como participantes da educação dos netos (BARROS, 1987, p. 120).

Deve-se levar em consideração que, como em outros momentos dessa análise, o modelo de família projetado pelas formandas é idealizado, já que parte da concepção de que todas as crianças na sala de aula convivem com os avós. Não apenas isso, há também o sério problema de se levar em conta a função de avó-avô como específica da faixa etária acima dos 60 anos de idade. O fenômeno da gravidez na adolescência faz com que a função de avó-avô seja assumida por pessoas na faixa etária dos 30, 40 e 50. Nesse sentido, em que medida o discurso dessas pessoas poderia ser caracterizado como do repertório da velhice? Naqueles casos em que os idosos com os quais as crianças se relacionam são os bisavós, a

## INTER-LEGERE

---

### A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

relação se reveste de outros significados, que ainda não foram sistematicamente pesquisados em nossa realidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em seu conjunto, na análise dos questionários, lembrando de que eles foram aplicados antes do curso, as representações sociais da velhice do grupo pesquisado estão marcadas pelos preconceitos e baseadas em concepções naturalizadas do envelhecimento. Contudo, no plano de aula, elaborado logo após o curso, percebe-se que, apesar das problematizações levantadas e, em alguns casos, até de desconstrução das visões estereotipadas do envelhecimento terem sido propostas, alguns clichês continuaram a ser reproduzidos, tais como: a ideia de velhice “malsucedida” ser resultado exclusivo de escolhas do indivíduo, uma espécie de fracasso pessoal; a de o abandono ser um crime que a família ingrata comete contra o idoso bonzinho, pois nas famílias “normais” a transferência de apoio entre as gerações aconteceria de modo tranquilo; a crença de que, se tomados os devidos cuidados profiláticos, os sinais do envelhecimento podem ser adiados indefinidamente, corroborada pela afirmação de que não existe velhice, mas a melhor idade e o jovem idoso.

As concepções dos formandos sobre as etapas do curso de vida, dentre elas a velhice, têm relação direta com aquilo que eles aprenderam nos processos de socialização aos quais estiveram e estão condicionados no decorrer de suas vidas. Assim, toda interação que eles estabelecem é uma forma de socialização, está inscrita numa rede de interdependência e contribui para a construção de uma visão naturalizada do mundo onde eles vivem. Nesse mundo, as concepções estereotipadas do envelhecimento resistem, muito embora as experiências plurais do envelhecer estejam colocadas na realidade cotidiana de todos nós. Desse modo, a partir de um discurso embasado e de uma prática qualificada, as Ciências Sociais e Humanas possuem o grande desafio de desnaturalizar essas visões, pois, por detrás da ideia de “melhor idade”, existem muitas desigualdades, preconceitos e

## INTER-LEGERE

---

A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

exclusões vivenciadas pelos idosos e idosas, como se fossem uma ordem natural, um destino, algo impossível de mudar.

### REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena; BRANCO, Pedro P. **Retratos da Juventude Brasileira**: Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2004.

APPLE, Michael W. **Ideologia e Currículo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARROYO, Miguel González. Formar educadoras e educadores de jovens e adultos. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE FORMAÇÃO DO EDUCADOR DE JOVENS E ADULTOS. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BARROS, Myriam Lins. **Autoridade e afeto**: avós, filhos e netos na família brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]: **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. (Série Legislação; n. 125).

CACHIONI, M. **Quem educa os idosos?** Um estudo sobre professores de universidades da terceira idade. Campinas: Alínea, 2003.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 1999.

ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**: seguido de envelhecer e morrer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

FÁVERO, Osmar. Educação de jovens e adultos: passado de histórias, presente de promessas. In: \_\_\_\_\_. **Educação de Jovens e Adultos na América Latina**. São Paulo: Moderna, 2009, p. 55-92.

GOODSON, Ivor E. **A construção social do currículo**. Lisboa: Educa, 1997.

HADDAD, Sérgio. **Por uma nova cultura de Educação de Jovens e Adultos**: um balanço de experiências de poder local. Novos caminhos em Educação de Jovens e Adultos (EJA). São Paulo: Global, 2007.

## INTER-LEGERE

---

A IMAGINAÇÃO SOCIOLOGICA E VELHICE: DESCONSTRUINDO OS CLICHÊS NA SALA DE AULA

Carlos Eugênio Soares de Lemos

ISQUIERDO, Iván. **Questões sobre a memória**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2004.

LE MOS, Carlos Eugênio Soares. Entre o Estado, as famílias e o mercado. **Sinais sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, maio-ago. 2013.

MARTINS DE SÁ, J. L. Extensão universitária na área da gerontologia. Produção das instituições brasileiras de ensino superior. **Gerontologia**, v. 8, n. 2, p. 48-55, 2000.

MILLS, C. Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

MOTA, Murilo Peixoto. **Ao sair do armário, entrei na velhice**: homossexualidade masculina e o curso de vida. Rio de Janeiro: Mobile, 2014.

MOTTA, Alda Britto. Violências específicas aos idosos. **Sinais sociais**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, maio-ago. 2013.

NERI, Anita L.; YASSUDA, Mônica S. (Org.) **Velhice bem-sucedida**: aspectos afetivos e cognitivos. Campinas: Papirus, 2004.

NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. **Juventude e Sociedade**: trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Instituto Cidadania/Perseu Abramo, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

STUART, Hamilton Ian. **A psicologia do envelhecimento**: uma introdução. Porto Alegre: Artmed, 2002.